



**Pode haver aqui decisões virtuosas, que conjuguem um certo pragmatismo, mais do lado do PS, com um certo radicalismo, do lado do BE**

**Elísio Estanque**  
Sociólogo

## “Este Orçamento pode abrir um caminho novo” na regularização das relações laborais

### Entrevista

O sociólogo Elísio Estanque, especialista em relações laborais e movimentos sociais, considera que o OE2017 traz novidade no que se refere ao reconhecimento de uma nova realidade laboral e do “paradigma dominante actual a nível do mercado de trabalho e da economia”, o do trabalho precário. Um resultado que considera advir dos acordos do PS com o BE e o PCP, que influenciaram o Governo no sentido de dar resposta às novas realidades sociais em Portugal. Especialmente, afirma, do acordo com o BE, partido com o qual os movimentos de defesa dos direitos dos precários “tinham canais de ligação”.

**Que transformação houve na luta dos precários que não se viram nas ruas, mas conseguiram resposta às suas reivindicações no OE2017?**

Há transformações de natureza social mais ampla e razões que se prendem com o enquadramento político que foi implementado desde que esta maioria conduziu o PS ao Governo. Do ponto de vista social, tem que ver com uma certa saturação. Os movimentos de grande contestação, que foram realmente muito significativos em Portugal, desagregaram-se, não conseguiram fazer o que aconteceu em Espanha.

**Porquê?**

Não tinham por detrás uma rede, não houve trabalho dentro dos núcleos duros no sentido de estabelecer e preservar articulações entre diferentes grupos e regiões. Em Portugal, foi tudo muito mais espontâneo. Por outro lado, durante o anterior Governo, houve um ciclo de manifestações muito rotineiras e tornaram-se muito previsíveis por parte do movimento sindical.

**Foram absorvidas pelos sindicatos?**

De certa maneira. As

manifestações têm sempre um objectivo reivindicativo. Mas de um ponto de vista sócio-cultural criam um certo clima e um certo clímax e servem como uma espécie de catarse. Estas dinâmicas não se conjugaram, isso ajudou a um certo cansaço em termos de acção colectiva reivindicativa por parte dos movimentos sociais.

**E o peso da emigração?**

Parte significativa dos activistas eram jovens qualificados que emigraram. Por fim, ainda no tempo de Passos Coelho, depois da saída da *troika* e com o discurso repetido de que havia uma luz ao fundo do túnel, começou a haver indícios de que estávamos em condições de poder sair da crise, isso também contribuiu para atenuar a crispação na sociedade.

**Porque continua a não se ver?**

Este Governo alterou o discurso e a prática. Os acordos com o PCP e o BE obrigaram o PS a fazer concessões e aceitar propostas que são bandeiras mais típicas dessas forças. Sabemos que esses movimentos tinham canais de ligação com o BE. Com o PCP as relações eram diferentes, havia uma certa tensão entre esses movimentos mais inorgânicos e os



**Elísio Estanque é professor da Universidade de Coimbra**

sindicatos. A presença destas três forças da esquerda abriu canais de diálogo que até aqui não existiam. **É essa a razão também por que há uma certa paz social ao nível da contestação dos sindicatos?** Acredito que o sindicalismo e a CGTP têm de lidar com uma situação que é um pouco ambivalente. Dada a proximidade entre a CGTP e o PCP, que tem um peso hegemónico na central, [a contestação] não pode deixar de se atenuar. A CGTP durante muito tempo funcionou como a correia de transmissão do PCP. Isso não pode deixar de condicionar a abrandar esse ímpeto mais contestatário. Porém, o campo sindical sabe perfeitamente que existe para servir de plataforma de defesa dos interesses dos trabalhadores e também não pode dar a imagem de estar completamente ao serviço de um partido que serve de base de apoio ao Governo. Apesar dos indícios de algum alívio, continua a haver problemas.

**O OE inicia uma fase de diálogo?**

Este Orçamento pode abrir um caminho novo, para surpresa e talvez um certo pânico da direita. Pode haver aqui decisões virtuosas, que conjuguem um certo pragmatismo mais do lado do PS com um certo radicalismo do lado do BE. O panorama geral do mercado de trabalho tem mudado, vai continuar a mudar. Não é crível que voltemos a ter as mesmas condições que tivemos até ao início da década de 2000. São tendências do paradigma dominante actual a nível do mercado de trabalho e da economia. Porém, é importante que haja forças de contra-tendência, que atenuem o impacto destrutivo que poderia conduzir a uma situação de mercantilização total, a qual resulta numa certa selvajaria no mercado de trabalho que acarreta situações desumanas. É necessário preveni-las, mesmo atendendo às dificuldades das economias. **São José Almeida**